



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14503 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT06 - Educação Popular

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: LITERATURA INFANTIL COMO POSSIBILIDADE DE DIÁLOGO ANTIRRACISTA

Joana Paula dos Santos Gomes de Oliveira - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

Wallace Santana da Silva - UNISAL - Centro Universitário Salesiano de São Paulo

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: LITERATURA INFANTIL COMO POSSIBILIDADE DE DIÁLOGO ANTIRRACISTA

Resumo: O compromisso com uma educação infantil que contribua com a formação crítica das crianças e a construção de um mundo melhor tem nos deslocado à reflexão e à busca por *práticas pedagógicas antirracistas* que nos mobilizem e nos humanizem nas relações com o outro. Nessa perspectiva, o presente trabalho tem como objetivo central evidenciar o processo de pesquisa de dois professores de duas redes públicas municipais acerca do trabalho pedagógico na educação infantil, utilizando a literatura infantil negra como alternativa de produção de práticas outras *com* as crianças das classes populares. Metodologicamente, nos inscrevemos enquanto pesquisa *com* o cotidiano, sendo que entrelaçamos nossos estudos, tanto na pesquisa de mestrado concluída quanto no estudo das próprias práticas pedagógicas de professores e as narrativas das crianças a partir do livro “A vida não me assusta” de Maya Angelou. O livro suscitou a pergunta: o que te assusta? Os dados produzidos *com* as crianças, evidenciaram que elas vão nos apontando os caminhos a serem percorridos e vão produzindo outros sentidos em relação às pessoas negras, através da literatura e das relações dialógicas que vão se construindo cotidianamente.

Palavras-chave: Educação Infantil, Práticas pedagógicas, Práticas antirracista

Ouvir o cotidiano: fragmento tecido nas relações com o outro

O presente texto apresenta reflexões geradas a partir do diálogo entre uma professora e um professor de duas redes públicas municipais no estado do Rio de Janeiro. Docentes das

classes populares com atuação na educação infantil pública, movidos pelo compromisso ético, político e estético, com uma educação infantil possibilitadora de formação crítica, realizada com todas as crianças. Ao dialogarem sobre a prática pedagógica, estudos e investigações encontraram como problemática a negação da negritude entre as crianças como fios de conexão que se desdobraram na escrita deste trabalho.

Conflitos e hierarquizações raciais, frutos do racismo estrutural (ALMEIDA, 2019), estão presentes na sociedade e conseqüentemente na escola. Eliane Cavalleiro (1998) identificou em suas pesquisas situações de desrespeito, discriminação e tratamento diferenciado por parte das educadoras para com as crianças negras. Evidenciou o quanto o silêncio do lar e da escola diante das questões raciais deixam marcas que naturalizam a violência e normatização do branqueamento colocando a criança negra cotidianamente em situações de preconceito, de discriminação e racismo.

Enfrentar o silenciamento nos orienta no objetivo de buscar a literatura infantil com protagonistas negros como instrumento de diálogo, aprendizagens e resistência, em meio às práticas pedagógicas no cotidiano da educação infantil. Tomamos como base para tessitura do texto elementos centrais presentes em nossos estudos, tanto na pesquisa de mestrado concluída quanto no estudo da própria prática pedagógica. Em nossos estudos encontramos aspectos comuns que possibilitaram registros e reflexões que serão apresentados por meio das cenas dos cotidianos envolvidos no trabalho.

A escola 1- Na pesquisa de mestrado, a professora investigou processos de invisibilidade e silenciamento da negritude das crianças no processo de escolarização. No diálogo com dezenove crianças, com idade entre quatro e cinco anos, a professora observou estranhamento das crianças com relação aos personagens negros apresentados por meio da literatura infantil.

Professora – Crianças, hoje vamos ouvir a história Meu Crespo é de Rainha. O livro foi escrito por essa mulher aqui (mostra a imagem). O nome dela é Bell Hooks.

Menina negra – Ela parece com a minha avó!

Professora – Por que parece com a sua avó?

Menina não negra – Porque ela também é dessa cor, é preta!

Professora – Que legal! Vamos ver se encontramos mais pessoas parecidas com a sua avó? Vamos ver os penteados diferentes que aparecem na história?...

Menina não negra – Tia, essa tem um cabelão bagunçado, assim para cima!

Menino negro – Eles são feios...

Diante das falas de crianças negras e não negras, a professora questionou a razão de acharem os personagens negros feios, desarrumados. A tonalidade negra da pele apareceu

como o motivo do estranhamento. Ao lançar o convite para registro da história, as crianças expressaram, principalmente através dos desenhos, o desejo de embranquecer. Entre o diálogo com as crianças e a problematização da própria prática, a professora passou a investir em mais livros de literatura infantil antirracista com base no resgate da **cultura** e **ancestralidade africanas** naquele contexto. A estratégia da docente cooperou para que a menina negra reconhecesse a negritude da avó na figura de uma escritura e posteriormente a própria negritude, tendo assim a sua identidade fortalecida.

A escola 2 - No convívio com as crianças e com suas famílias, os vínculos afetivos vão se construindo e as interações vão se tecendo na escola. Era um dia de reunião do *Conselho Escolar* e uma das mães participantes, saía do encontro para amamentar o seu bebê em frente à secretaria da escola. As crianças voltavam do refeitório quando perceberam a presença da mãe que amamentava e logo identificaram quem era aquela mulher.

Menina – Ei! A mamãe da Mariana está lá na secretaria!

Professor – Que bom! A gente gosta quando ela está aqui. Ela deve ter vindo falar com a secretária. Vamos chamar a Camila para abraçar a mãe dela.

Menina – Não, tio! Ela não gosta de quando a mãe dela vem aqui na escola. Você não sabia?

Professor – Eu nunca soube disso! Mas por quê? É muito legal quando os responsáveis conseguem vir até a escola e conhecer o nosso trabalho, mas quero entender a situação com vocês.

Menina 2 – Tio, ela está chorando lá na sala!

Caminhamos até a sala com a intenção de compreender o problema encontrado pela colega ao ver sua mãe.

Professor - Venha aqui. Vamos conversar, eu quero entender o que aconteceu com você e te ajudar de alguma forma.

Menina 3 – Eu não tenho nada para falar, tio. Está tudo bem.

Professor – Você tem certeza? Estou aqui com você, acredite

Menina 3 – (Em prantos, a menina diz): Eu amo a minha mãe, tio! Mas quando *ela vem na escola e eu sinto vergonha porque ela é preta*.

O enredo construído pelas crianças envolve a ação do professor como uma possibilidade de resolver as questões da menina e que, de certo modo, torna-se uma problemática coletiva. Inicialmente, buscamos compreender os possíveis caminhos para que as *certezas paralisantes* não fossem impedimentos para a busca de novos trajetos que tenham a *dúvida* como algo que inquieta e nos possibilita ver e interpretar o mundo de uma outra forma (GARCIA, 2003). Partindo das *dúvidas*, o professor, em roda, pergunta para as crianças quais eram as pessoas pretas que elas *conheciam, amavam e/ ou admiravam*. Alguns nomes surgem, mas todos associados à artistas e às personagens fictícias, mas uma criança levanta e

fala: Eu conheço a tia Elaine, referindo-se à profissional da limpeza da escola.

As certezas que tínhamos foram colocadas para jogo, a fim de que outras *dúvidas*, Garcia (2003), nos permitissem descobrir caminhos outros para a construção de novos trajetos na pesquisa. Nessa complexidade que envolve os sujeitos e as narrativas produzidas na interação com o outro, levantamos algumas questões: quais representações negras estão presentes no cotidiano das crianças? *O que as crianças construíram, a partir da sua visão de mundo, em relação às pessoas negras? O que é ser uma mãe negra de crianças das classes populares?* Para tanto, o presente trabalho tem como objetivo evidenciar a importância do desenvolvimento de uma prática antirracista desde a educação infantil, questão central no encaminhamento dos trabalhos pedagógicos nos quais se desenvolvem as pesquisas a que se refere o texto.

Convite a sentir o mundo junto com as crianças: os percursos da pesquisa

Partindo das questões que surgiram sobre as práticas pedagógicas no contexto da educação infantil e foram se constituindo como *dúvidas* na pesquisa, Garcia (2003), o presente trabalho foi se delimitando na perspectiva de uma pesquisa qualitativa, na qual se circunscreve a pesquisa *com* o cotidiano, com base na compreensão de um cotidiano complexo e também das articulações que vão se constituindo entre os sujeitos que fazem parte do processo de pesquisa com o cotidiano (SAMPAIO, 2003). Pérez (2003) reflete que:

O cotidiano, território complexo que nos desafia a exercitar uma outra forma de olhar a realidade. No cotidiano o múltiplo não é um adjetivo subordinado ao que se divide, ou ao ser que o engloba: é um substantivo que traduz a multiplicidade que habita cada coisa, cada ato, cada pensamento (PÉREZ, 2003, p. 97).

Traduzir a multiplicidade do cotidiano e de se pesquisar com o cotidiano nos possibilita encontrar o inesperado, nos deslocar de uma posição hierárquica para um lugar de sujeitos que pesquisam *com outros sujeitos*, entendendo que os acontecimentos surgem, se transformam em outros, são transformados e até desaparecidos (GARCIA, 2003). Neste sentido, pesquisar com o cotidiano requer escolhas, renúncias e um comprometimento ético-político com as crianças das classes populares que historicamente foram e ainda são subalternizadas, colocadas à margem, como sujeitos fracassados a partir de uma única lógica hegemônica, classificatória e excludente.

Compreendemos que pesquisar com o cotidiano nos assusta e impulsiona a pensar em uma educação outra, assim, a metodologia que vai se construindo é interessada nos processos que buscam simplesmente *a transformação do mundo* (ESTEBAN, 2003). Na busca por perguntas e possíveis respostas, tomamos como objeto de estudo nossas reflexões sobre o trabalho com a obra “A vida não me assusta”, de Maya Angelou, mulher negra.

A partir do enredo elaborado pela autora fomos provocados a pensar: *o que nos assusta?* Posteriormente, perguntamos às crianças: *o que as deixa assustadas?* as crianças

foram narrando sobre os seus sustos e os medos que atravessavam suas vidas, enquanto crianças. Questões inclinadas para as percepções das crianças em relação as suas percepções de mundo, do que acontece perto de suas casas, na escola e sobre si foram surgindo nos momentos de conversa e de produção.

O registro feito pela professora traz a fala de uma menina de quatro anos: - Me assusta quando escuto o barulho do balão e penso que é tiro! Em outra escola, crianças enunciam que têm medo dos gritos na rua e das aranhas que estavam na parede. Entre as conversas produzidas e os registros do professor, uma criança negra olha para a fotografia de Maya, reconhecendo-se. No mesmo momento a menina levanta a imagem e grita: - Gente! Essa é a Maya!

As narrativas orais das crianças foram nos dando pistas acerca das reflexões e das práticas a serem construídas, nos mostrando, no caminhar da pesquisa, outras realidades Garcia (2003), que foram nos desestabilizando enquanto sujeitos imersos no cotidiano escolar, que interage com o outro, numa relação dialógica e humanizadora (FREIRE, 2005). Produzimos desenhos sobre o que nos assustava, propostas com artes e com a linguagem escrita foram nos orientando e nos possibilitando a *dúvida* Garcia (2003) no processo de pesquisa, entendendo que há um movimento dialógico que tece a prática pedagógica, no sentido de estar junto com as crianças, de aprender e ensinar com elas.

No cotidiano da educação infantil as crianças reconhecem a autora com um sorriso no rosto - “olha, é a Maya!” -, evidenciando a complexidade das relações vividas e nos levando à compreensão de que “o cotidiano escolar é uma realidade de emergências, sem itinerários fixos, que faz do pesquisador um sujeito errante, em busca de perguntas e respostas sempre distante de verdades definitivas” (ESTEBAN, 2003, p.129). A literatura infantil aparece como potente instrumento de escuta de crianças negras e não negras no cotidiano da escola pública, como possibilidade de refletirmos e tomarmos consciência das diferenças que vão se encontrando na escola das infâncias.

O que fazer quando a vida nos assusta?

Construir práticas pedagógicas dialógicas e antirracistas é acolher a diversidade racial e conversar sobre as diferenças que nos constituem como sujeitos. A pedagogia que possibilita a construção identitária positiva precisa ser realizada desde a educação infantil, pois é nessa etapa que as crianças estão construindo sua identidade subjetiva e coletiva, a partir das brincadeiras e interações, produzindo e sendo produzidos na/ com a cultura.

Refletindo sobre esses dados, concordamos com Cavalleiro (2001) que o afeto é um dos caminhos possíveis para enfrentar a relação entre a invisibilidade e o silenciamento das questões raciais no espaço escolar. **Ao pensarmos sobre a cena em que a criança tem vergonha da sua mãe, ou nos episódios em que as crianças associam os personagens negros da história com a feiura** precisamos buscar o afeto como *a possibilidade de nos mover enquanto professores para fazer o espaço da educação infantil acolhedor das*

diferenças?

O diálogo com as crianças denuncia a impossibilidade de uma educação sem cuidado e do diálogo sem esperança. Com relação às marcas dolorosas causadas pelo racismo e expressas nas vozes das crianças a linguagem literária pode fazer-se espaço de aprendizagens e resistência, possibilitando o deslocamento do lugar da vergonha de ter a mãe preta na escola para a alegria de conhecer uma autora negra, mulher negra como a mãe, como a avó.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

ANGELOU, Maya. **A vida não me assusta**. DarkSide, 2018.

CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. 1998. 229f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

CAVALLEIRO, Eliane. Educação Anti-Racista: compromisso indispensável para um mundo melhor. In: CAVALLEIRO, Eliane (org). **Racismo e antiracismo na educação: repensando nossa educação**. 6 ed. São Paulo: Selo Negro, 2001.

ESTEBAN, Maria Teresa. Dilemas para uma pesquisadora com o cotidiano. In: GARCIA, Regina. Leite. (org.). **Método: pesquisa com o cotidiano**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

ESTEBAN, Maria Teresa. Sujeitos singulares e tramas complexas-desafios cotidianos ao estudo e à pesquisa. In. GARCIA, Regina Leite. **Método, Métodos Contramétodo**.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 63^a ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2005.

GARCIA, Regina Leite. **Método; métodos; contramétodo**. São Paulo, 2003.

SAMPAIO, Carmen Sanches. Compreender o compreender das crianças em seus processos alfabetizadores. **Método: pesquisa com o cotidiano**. Rio de Janeiro: DP&A, p. 17-41, 2003.

PERÉZ, Carmen Lúcia Vidal. Cotidiano: história(s), memória e narrativa. Uma experiência de formação continuada de professorasalfabetizadoras. **Método: pesquisa com o cotidiano**. Rio de Janeiro: DP&A, p. 97-119, 2003.